

JOHN HOYT WILLIAMS (\*)

VERA ALICE ADUAN RACHED traduziu (\*\*)

" O M O N A R C A

M A I S C U R I O S O

D O B R A S I L "

## ABSTRACT

"Brazil's Most Curious Monarch" shows the charismatic personality and intelligence of Emperor Pedro II during his visit to the United States on the occasion of the United States Centennial Exhibition in Philadelphia, viewed through the eyes of an American author.

## RESUMO

Este artigo mostra como um autor norte-americano viu a personalidade carismática e a inteligência do Imperador Pedro II, durante sua visita aos Estados Unidos, por ocasião da Exposição do Centenário daquele país, em Filadélfia.

(\*) Professor de História na Universidade de Indiana (USA), colaborador da revista norte-americana "Américas", de onde este artigo foi traduzido.

(\*\*) Professora de Inglês na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

Incansável e discretamente persistente, Pedro II foi uma "máquina imperial" em constante movimento, durante sua visita aos Estados Unidos, em 1876, à Feira Comemorativa do Centenário da Independência Americana realizada em Filadélfia, estado da Pensylvania.

O "New York Times" observou, em maio de 1876, que o Imperador Pedro II do Brasil - "manifestava um interesse inteligente e sagaz por tudo de importante" que lhe era -- mostrado. Pedro, a Imperatriz Tereza Cristina e sua comitiva, decidiram visitar os Estados Unidos por ocasião da Feira do Centenário, em Filadélfia, em 1876. Ele ficou atônito ao tomar conhecimento de que, com exceção de Kalakaua, Rei das Ilhas Sandwich, seria o primeiro monarca reinante a pisar o solo americano. E como ele pisaria aquele solo !

Embora tivesse sempre desejado visitar os Estados Unidos, foi a Feira de Filadélfia que motivou ainda mais fortemente sua ida. Lá, a mente modernizadora de Pedro, um brilhante cientista amador, poderia examinar atentamente em um único local os mais finos produtos da industrialização americana. Bem antes de partir do Brasil, ele já havia tomado conhecimento de que a área de 285 acres (correspondente a 1.153.395 m<sup>2</sup>) que abrigava a Exposição, havia sido despojada de uma assombrosa quantidade de terra e que haviam sido construídas cinco milhas e meia de estradas de ferro (8.849,5 m.), três milhas de avenidas (4.827 m.) e dezesse sete de passarelas para passeio (27.353 m.), três milhas de cercas (4.827 m.), sete de-

esgotos (11.263 m.), nove de encanamento de água (14.481 m.), oito de encanamento para gás (12.872 m.) e três sistemas de cabos telegráficos subterrâneos: uma verdadeira cidade dentro de outra cidade, embelezada por mais de vinte mil árvores e arbustos especialmente plantados. Ao pensar neste monumental empreendimento, ele se encantava-era uma espécie de "Disney World" de realizações do século XIX.

O Imperador deixou o Rio no dia 26 de março, a bordo do vapor "Hevelius", para a viagem de vinte dias que o levaria até New York, seu primeiro porto de desembarque na América do Norte. Sempre estudioso, ele passava o tempo a bordo, estudando sânscrito e praticando sua pronúncia de língua inglesa. Durante toda sua jornada pelos Estados Unidos, Pedro apenas raramente necessitou de um intérprete.

No dia 15 de abril, o "Hevelius" ancorou em Manhattan, sem pompa e cerimônia. Como o "New York Times" publicou naquele dia, "é desejo do Imperador desembarcar nesta cidade como um cidadão comum e não como um monarca reinante". Depois de rápida argumentação, ele foi persuadido a aceitar a visita formal, a bordo, de diversas personalidades locais, muitas das quais o assediaram com convites para várias recepções. O Imperador recusou gentilmente a maioria destes convites, pois eles teriam limitado sua preciosa liberdade de ação. Tinha ido para os Estados Unidos a fim de aprender sobre a grande república do norte, e não para ser confinado nas salas de estar dos influentes. Ao invés disto, como observou uma fonte sobre sua es

tada em New York, "ele era visto caminhando a pé pelas ruas da cidade em roupas comuns e burguesas, e com um modesto chapéu de feltro em suas mãos". Este comportamento foi a tônica de toda sua visita aos Estados Unidos, para mortificação daqueles que desejavam brilhar em sua companhia.

Dois dias mais tarde, Pedro II alugou uma carruagem, e com vários novaiorquinos proeminentes - incluindo o jovem Theodore Roosevelt - percorreu a cidade... Foi então até a cidade de Jersey, em New Jersey, onde tomou um trem para uma viagem relâmpago pelo velho oeste americano. Em San Francisco, Pedro II percorreu Chinatown (o bairro chinês da cidade), foi ao teatro (convidando os atores para um jantar altas horas da noite) e visitou a Sinagoga da Rua Sutter, onde debateu linguística com os rabinos - ele falava fluentemente o hebreu !

A viagem de volta para o leste era frequentemente interrompida, pois os interesses do rei eram infinitos: uma paisagem bonita, um acampamento indígena, uma casa de aspecto curioso ou uma fábrica podiam significar um atraso de uma hora ou mais.

Pedro passou vários dias em Pittsburgh, na Pennsylvania, e seus arredores, visitando fundições de ferro e fábricas de vidro e anunciando orgulhosamente ao diretor do presídio da cidade de Allegheny que a instituição "era inferior à da cidade do Rio de Janeiro, principalmente no tocante à educação escolar oferecida aos sentenciados". Onde quer que fosse, mesmo anonimamente, Pedro encontrava todas as portas abertas, pois as maneiras e o porte deste cavalheiro

ro de voz suave provocavam a admiração de todos.

Finalmente, em 7 de maio, o pullman especial do Imperador chegou a Washington, D.C.. No dia seguinte, em cerimônia formal, embora não pomposa, o Imperador (que havia assinado o registro de hotel simplesmente como "Visconde D. Pedro"), visitou o Capitólio, onde assistiu da Galeria Diplomática, a uma sessão da Câmara dos Representantes, esteve presente a uma reunião da Corte Suprema e assistiu a uma votação no Senado; em seguida, caminhou vigorosamente até o domo do Capitólio, de onde vislumbrou uma paisagem que considerou "magnífica". Naquela tarde, o Presidente Grant e o Secretário de Estado, Hamilton Fish, receberam o Imperador na Casa Branca. Depois de rápido jantar em seu hotel (de acordo com o "Baltimore Sun", "ele nunca levava mais que vinte minutos para jantar"), Pedro II retomou os passeios turísticos, conseguindo visitar e inspecionar o Observatório Nacional assim como um estaleiro próximo, antes de se recolher.

Na manhã do dia 9, o rei e seus acompanhantes viajaram de trem até Filadélfia, sua meca pessoal, chegando, logo após, o Presidente e a Sra. Grant e seu Gabinete. Sem pompas ou ostentação, carruagens foram alugadas, levando a ilustre comitiva ao Hotel Continental, onde as suítes do primeiro andar haviam sido previamente reservadas. Este foi o primeiro e único dia de toda sua jornada em que resolveu ficar em seu Hotel, ao invés de vagar pela cidade, embora tenha recepcionado vários cidadãos importantes ligados às celebrações do Centenário.



Bem cedo na manhã seguinte, havia perto de cem mil pessoas comprimidas ao redor dos portões da Feira - que não havia sido inaugurada oficialmente ainda - esforçando-se para ver as celebridades presentes e esperando pelo momento de entrar na fabulosa nova "cidade". Às dez horas, o Imperador, a Imperatriz e o Embaixador Brasileiro nos Estados Unidos, acompanhados por meia dúzia de oficiais da Marinha Brasileira trajando uniformes de gala, chegaram à Feira. Em contraste com seus oficiais e o diplomata, Pedro II "estava vestido num simplester no preto", mas mesmo em traje à paisana foi reconhecido por muitos na multidão que, de acordo com uma testemunha, "davam vivas e o aplaudiam efusivamente".

Dentro do sombrio Prédio Principal, os visitantes imperiais foram colocados cerimoniosamente sentados numa plataforma elevada, ao lado do Presidente e da Sra. Grant, do Presidente do Senado, de vários membros do Gabinete e suas esposas, e dos Generais William Tecumseh e Philip Sheridan.

Depois de diversos discursos quase que narcotizantes e do eco estrondoso de uma salva de cem tiros como saudação, as várias centenas de personagens ilustres presentes como convidados de honra, foram conduzidas ao Pavilhão de Maquinaria, dominado pela gigantesca máquina a vapor Corliss, que ostentava o maior volante do mundo. Com impressionante solenidade, o Imperador e o Presidente Grant puxaram algumas cordas especiais fazendo o engenho funcionar estrepitosamente. A Corliss, que era a principal fonte de energia para todo o prédio, por sua vez deu origem a uma efervescente sinfonia

de sons de um grande número de outras máquinas, tornos mecânicos, teares, britadeiras de carvão e uma centena de outras invenções. Pedro, certamente impressionado e talvez um pouco ensurdecido, deu um passo para trás, admirado. Enquanto isso, no Pavilhão Feminino, a Imperatriz Tereza Cristina, trajando um vestido de seda cor de pérola, chapéu panamá branco com penas de avestruz e brincos compostos por vários brilhantes "de grandes proporções", deu a partida em outra máquina a vapor, movimentando assim barulhentos teares e outros engenhos.

A seguir, o Presidente, a Sra. Grant e o casal imperial levaram a multidão ao Pavilhão de Exibições Brasileiro, descrito como "um deslumbrante pavilhão em estilo mourisco, que ofusca os olhos com sua superabundância de dourado e cores brilhantes". Talvez não tão imponente quanto os Pavilhões Alemão e Britânico, o Brasileiro era muito mais colorido e decorado, construído (atendendo às sugestões do monarca) com madeiras e pedras extraídas de toda parte do território nacional. Sua beleza física causou admiração genuína e provocou aplausos calorosos da multidão, para grande satisfação de Pedro II.

Dentro do Pavilhão estava exposta uma estonteante coleção de pedras preciosas - de águas-marinhas a diamantes - vários outros minérios, medicamentos, produtos de algodão e lã, sabonetes enfeitados, velas, papagaios embalsamados, jóias ("nas quais a Natureza e a Arte lutam pela supremacia", de acordo com o repórter do jornal "Philadelphia Public Ledger"), e grande quanti



dade de produtos agrícolas. Além disso, es-  
palhados por todos os pavilhões da mostra,  
o Brasil orgulhosamente exhibia imensa va-  
riedade de outros produtos, desde rum, vi-  
nhos e tinturas vegetais, passando por qua-  
dros, litogravuras e estátuas, até máqui-  
nas de cunhar moedas, modelos de navios de  
guerra e um rifle inventado no Brasil. O  
Brasil estava em toda parte na Feira do  
Centenário, apresentando um perfil muito  
mais elevado do que a maioria das nações  
européias presentes à exposição. Para os  
muitos milhares de visitantes, os produtos  
brasileiros em exibição, serviram para re-  
velar uma nação complexa e sofisticada.

No período aproximado de uma hora que  
lhe restava antes que os portões se a-  
brissem para o público em geral, Pedro lan-  
çou-se impetuosamente a visitar tudo ao seu  
redor, como uma criança numa loja de brin-  
quedos. Ele tentava se concentrar nos "pon-  
tos altos" da Feira, mas a todo momento se  
desviava para observar máquinas curiosas  
e instrumentos científicos. No momento em  
que milhares de pessoas jorravam pelos por-  
tões recém-abertos da Exposição, ele final-  
mente permitiu ser levado para fora da mos-  
tra, para participar de cerimônias festi-  
vas oficiais, em outros lugares.

Na manhã seguinte, muito antes do horá-  
rio comercial normal, Pedro visitou a Ca-  
sa da Moeda dos Estados Unidos, onde foi  
recebido de maneira muito especial. Lá "ele  
fez uma compra de algumas brilhantes moe-  
das de prata de meio dólar". Sacudindo-as  
alegremente em seus bolsos, ele e sua co-  
mitiva seguiram para a Feira numa veloci-  
dade temerária. Ao chegar, o Imperador usou

algumas de suas novas moedas para pagar os ingressos para ele e seus acompanhantes, apesar da insistência do bilheteiro em admiti-los gratuitamente. Passou a manhã toda no Pavilhão de Maquinaria e à tarde viajou de trem para Wilmington, no estado de Delaware, para inspecionar um grande estaleiro.

Prosseguindo sua exaustiva jornada, o rei viajou para a cidade de Annapolis, estado de Maryland, no dia 12 de maio, onde passou em revista a tropa de cadetes navais e fez breve discurso enaltecendo "o nobre aspecto dos jovens oficiais". Percorreu os vários departamentos científicos da Academia Naval dos Estados Unidos, a todo momento surpreendendo os anfitriões com suas freqüentes perguntas de homem bem informado. Até mesmo conseguiu convencer o irresoluto chefe do departamento de artilharia a deixá-lo manejar com as próprias mãos um canhão de retrocarga de calibre pesado. Sorrindo alegremente e ainda cheio de energia, o Imperador apreciou um almoço longo e formal, ao lado de um pequeno grupo de almirantes e alguns eruditos.

Então prosseguiu viagem até Baltimore, Maryland, registrou-se no Hotel Carrollton, mudou de roupas e imediatamente atirou-se às ruas a pé, encaminhando-se para uma galeria de arte que lhe fora recomendada pelo Secretário de Estado, Fish. O próximo tópico em sua lista, antes de jantar, era uma visita prolongada à Academia de Música, onde examinou o auditório e o palco, maravilhou-se com a soberba acústica e tagarelou com os músicos. Para melhor digerir seu breve jantar, ele e seu secretário

foram assistir a uma apresentação lírica de "A Dama de Lyons", antes de finalmente se recolher.

Na manhã seguinte, muito cedo, Pedro e sua comitiva tomaram um trem para Cincinnati, estado de Ohio. Ele tinha elaborado um roteiro turístico incrível no escritório da Agência de Turismo Cook e Jenkins, instalada no próprio local da Feira do Centenário. Depois de Cincinnati, planejava visitar Mammoth Cave e Louisville, no estado de Kentucky e em seguida St. Louis, no estado de Missouri, conhecendo escolas, hospitais, fábricas e tudo mais que aguçasse sua curiosidade. Em St. Louis, embarcaria no "Grande República", imenso barco típico do rio Mississippi, descendo-o até a cidade de New Orleans, de onde retornaria à capital, passando por Mobile e Montgomery, no estado do Alabama, e por Atlanta, Georgia e Knoxville, no estado do Tennessee. Como se isso não fosse suficiente para sobrecarregar as habilidades e paciência de Cook e Jenkins, planejava passar duas semanas examinando a Feira do Centenário e em seguida viajar para o norte, visitando as Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal e Quebec no Canadá; os Montes Brancos na Nova Inglaterra; Albany e Saratoga no estado de New York, além de Boston em Massachusetts, antes de voltar para um breve descanso na cidade de New York ! Dali então retornaria a Boston, de onde embarcaria para a Europa e Oriente Médio, antes de regressar ao Brasil, para avaliar com calma as suas experiências.

Em 19 de junho, a "máquina imperial em eterno movimento" abrigou-se mais uma vez

no Hotel Continental, em Filadélfia. Ao se erguer o sol da manhã seguinte, assim também o fazia Pedro, para começar seu exame minucioso da Feira. Nenhum cirurgião jamais dissecou um cadáver com maior precisão do que a devotada pelo Imperador nos dias subsequentes às várias mostras da Feira. Esquadrinhou cada polegada do Pavilhão de Maquinaria, questionando técnicos e tomando notas num pequeno caderno que sempre trazia consigo. E ainda de algum modo conseguiu encontrar tempo para despejar uma torrente de convites a cientistas, técnicos e especialistas, que planejava receber em quatro noites diferentes, em seu hotel.

O Imperador passou, praticamente, os dois dias seguintes na área da Feira, e no dia 22, surgiu repentinamente no inusitado horário das sete horas da manhã na Universidade da Pennsylvania. Lá passou a manhã toda inspecionando os departamentos de Física e Química, mas pareceu divertir-se muito mais entre os complexos equipamentos dos laboratórios de Medicina, sempre interrogando os professores presentes. Depois de um almoço feito às pressas, Pedro foi visitar novamente a Feira e, antes de jantar, passou cerca de três horas na Academia de Belas Artes de Filadélfia, novamente tomando notas copiosas.

Os dias seguintes foram totalmente dedicados à Feira e à Academia de Ciências Naturais. Ele chegou a causar certo embaraço entre os oficiais de serviço na Feira, porque "a presença de Sua Majestade passava despercebida aos oficiais dos diferentes setores...pois ele sempre aparecia



desacompanhado". Simplesmente caminhava ao seu bel prazer, matando a curiosidade, misturando-se à multidão, raramente reconhecido em seus espartanos ternos pretos. Além da informe máquina a vapor Corliss, à qual ele retornava incansavelmente, o Imperador ficou fascinado com os modelos de refrigeradores expostos no Pavilhão dos Estados Unidos. Persuadindo alguns técnicos a retirar um deles da exposição para que pudesse examinar detalhadamente o engenho, ficou impressionado o suficiente para adquirir o modelo e remetê-lo ao Brasil para ser usado no Palácio Real.

Foi nesta ocasião que encontrou Alexander Graham Bell, trabalhando numa pequena mostra engastada num canto distante do Pavilhão de Maquinaria. Observou Bell fazendo experiências com aquele protótipo rudimentar de telefone, hesitou um pouco, fez perguntas ao excêntrico inventor e na realidade ajudou-o a demonstrar o seu invento. A voz real não só se fez ouvir pelos cabos telefônicos em Filadélfia, como também cantou louvores ao desconhecido Bell por toda cidade, contribuindo enormemente para transformá-lo numa pequena celebridade, tornando público seu indiscutível gênio e a importância revolucionária do seu curioso invento.

No dia 24 de junho, Pedro foi simplesmente uma das 39.393 pessoas que passaram pelas roletas de entrada da Feira e caminharam por toda sua extensão. Ele testemunhou algumas experiências científicas e examinou demoradamente a exposição de armas no Pavilhão do Governo dos Estados Unidos. Naquela noite, no Continental, ofereceu a primeira



das quatro recepções que havia planejado, a quarenta convidados, oferecendo-lhes coquetéis e brilhante conversa, sempre inteligente e atualizado. Era mais de meia noite quando o último conviva empertigado em seu fraque, curvou-se diante do Imperador em despedida, perdendo-se noite a fora.

Quebrando sua rotina, no dia 26, Pedro II fretou um trem especial composto apenas de uma locomotiva e "um carro palaciano" e viajou para o oeste da Pennsylvania para o Vale Lehigh. Em Bethlehem, a comitiva visitou a Universidade de Lehigh, onde um orgulhoso Imperador entrevistou sete estudantes brasileiros que lá estudavam Ciências, com bolsas de estudo oferecidas pelo Governo. Em seguida, visitou a imensa Fundição de Zinco de Lehigh, onde, nas palavras do jornal "Philadelphia Public Ledger", "o Imperador mostrou-se outra vez familiar com a ciência e a arte abraçadas naquele importante ramo da metalurgia". Mal satisfeito com a visita à fundição de zinco, o rei levou sua comitiva, a passos largos, à vizinha Fundição de Ferro de Bethlehem, onde, sob intenso calor, com o suor porejando na testa, teve a oportunidade de observar o processo de fabricação de aço denominado Bessemer.

Após passar ainda mais um dia na Feira, Pedro compareceu à reunião mensal da Academia de Ciências Naturais de Filadélfia. Ali lhe foi oferecida uma fascinante discussão sobre o basalto negro brasileiro e o americano. Ouviu ainda um relatório apresentado sobre três diferentes classes de rizópodes. Como era de seu feitio, o distinto visitante bombardeava os cientistas

com perguntas sofisticadas, surpreendendo-os com sua compreensão dos estranhos assuntos tratados na reunião.

Os dias restantes em Filadélfia foram tão frenéticos quanto os primeiros, divididos entre observações dos mais minuciosos detalhes da Feira, de visitas intelectuais e de grandes reuniões festivas em seu hotel. Na noite de 5 de julho, compareceu a uma festa oficial de despedida, oferecida pelas autoridades da cidade e da Feira.

Um tanto ou quanto triste, embora presentindo novas aventuras, Pedro II disse adeus à cidade e à Exposição no dia seguinte, partindo para a parte norte do seu roteiro turístico, ao romper da aurora.

Ao longo desse percurso, conheceu e conversou com eminentes figuras literárias da época, como Longfellow, Emerson e John Whittier, cuja obra poética elogiou em especial. Foi escoltado solenemente pelos corredores de Harvard e surgiu da neblina às seis horas de uma manhã para visitar o Memorial de Bunker Hill - descobrindo, com grande horror, que não tinha com ele o cinquenta centavos necessários para pagar o ingresso. Enrubescido, teve que emprestar o meio dólar de um estranho.

No dia 14 de julho, o Imperador, a Imperatriz e seus acompanhantes embarcaram no porto de Boston, com destino à Europa.

Não foi com grande exagero retórico que um repórter americano escreveu na ocasião: "Quando ele voltar ao Brasil, saberá mais sobre os Estados Unidos do que dois-terços dos membros do Congresso."